

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SER PROFESSOR: um estudo com docentes da Educação Básica

Janilda Ribeiro de Lemos¹
Laêda Bezerra Machado²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as representações da profissão docente construídas por professores da escola pública que atuam na Educação Básica. Utilizamos como referencial a Teoria das Representações Sociais em sua abordagem clássica. Participaram da pesquisa 10 professores e como instrumento de coleta utilizamos a entrevista. Os resultados, analisados através da análise de conteúdo, evidenciaram que os docentes compartilham uma representação social do ser professor como transmissor de conhecimentos, que enfrenta lutas e desafios. Identificamos que questões de cunho emocional e vocacional ligam fortemente os professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental à profissão. Por outro lado, compromisso com a formação política dos educandos e fatores objetivos, como acesso ao mercado de trabalho, marcam as representações do ser professor de docentes dos anos finais do Ensino Fundamental e médio.

Palavras-chave: Representações sociais; Profissão docente; Professor de Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Tratar sobre a profissão docente hoje envolve a compreensão de que ela está atrelada a inúmeras discussões que vão desde o questionamento sobre se de fato o exercício da docência é mesmo uma profissão consolidada ou não, até debates relacionados às condições do trabalho docente, processos de profissionalização, construção da profissionalidade, identidade e formação desse profissional, bem como das relações estabelecidas pelos professores no âmbito escolar, entre outros. Temos um leque de pontuações sobre o qual desdobram muitas outras questões e todas elas nos ajudam a compreender dimensões que envolvem esta profissão tão complexa e permanentemente necessária em nossa sociedade atual.

Ao longo da formação no curso de Pedagogia foi possível perceber que, diante das indagações sobre a escolha desse curso de graduação e das pretensões de atuação profissional, grande parte dos nossos colegas resistia em querer exercer a docência. Nos

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. janilda.ribeiro@gmail.com

² Doutora em Educação, professora vinculada ao Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional e do Programa de Pós Graduação em Educação– Centro de Educação – UFPE. laêda01@gmail.com

momentos em que íamos às escolas, espaços de formação profissional do estudante de Pedagogia, espaços nos quais temos a oportunidade de conhecer/iniciar a prática docente, realizar pesquisas e estágios curriculares e conhecer os profissionais docentes, em geral nos deparávamos nesses ambientes, com situações que nos desencorajam, sobretudo, devido aos comentários desanimadores em relação ao exercício do ser professor. Nestas situações, variados foram os motivos apresentados pelos professores para essa resistência. Admitimos que esse parece ser um quadro comum não só aqui no nosso município, mas algo recorrente quando se trata da profissão de professor. A resistência para com o exercício da docência nos motivou a querer estudar sobre essa profissão.

É sabido que toda profissão acompanha a dinâmica da sociedade. Assim, do momento em que os professores escolhem seguir a carreira docente e no processo de seu desenvolvimento, a sociedade passa por inúmeras mudanças. Atualmente, por exemplo, vivemos em uma sociedade de ritmo acelerado na qual novas informações e conhecimentos são gerados a cada momento exigindo mudanças por parte dos profissionais, ou seja, as formas de se relacionar com o outro e com o mundo foram alteradas, os cenários mudaram, os atores se modificaram e as profissões especializaram-se. Essa conjuntura de mudanças que tem certamente implicações para o ser professor, aliada às resistências comuns ao exercício da docência, provocaram inquietações, nos mobilizando à realização desta pesquisa, para a qual formulamos as seguintes questões: o que pensam professores, das distintas etapas da Educação Básica, sobre a profissão docente, sobre o ser professor hoje em dia? Considerando o ano, o nível em que lecionam, há distinções no modo como pensam a profissão? Quais seriam as semelhanças e diferenças no modo de conceber a profissão entre os professores que atuam com diferentes grupos de alunos? Por quais razões esses profissionais se mantem na docência? O que lhes dá satisfação no exercício da docência? O que os desafia na profissão?

As referidas questões nos direcionaram para um estudo orientado pela Teoria das Representações Sociais. Sendo assim, a adotamos como aporte teórico e metodológico para o estudo na sua acepção clássica, liderada por Moscovici e Jodelet. A opção pelo trabalho com representações sociais está na competência desta teoria em lidar/explicar o campo simbólico, os sentidos e significados atribuídos aos objetos pelos sujeitos. Devido as representações se apresentarem conexas à realidade, serem historicamente construídas, ligadas ao contexto socioeconômico, cultural, as práticas dos indivíduos e

ao mesmo tempo serem ressignificadas pelos próprios indivíduos a partir de suas vivências.

Entendemos que pesquisar as representações sociais da docência significa a oportunidade de lidar com a profissão de professor levando em consideração o processo permanente de criação e recriação das imagens do seu exercício a partir dos próprios professores, o que propicia a discussão de não só como estes professores pensam sua profissão, como também saber como esse pensar se entrelaça às práticas desenvolvidas pelos sujeitos. Para apreender as representações sociais do ser professor foram envolvidos na pesquisa professores mais experientes na carreira docente que atuam nas distintas etapas da Educação Básica.

Objetivamos com este estudo compreender as representações da profissão docente construída pelos professores de escolas públicas das diferentes etapas da Educação Básica, conhecer as razões que mantêm esses profissionais ligados à docência, identificar os desafios enfrentados no dia-a-dia da profissão docente, os elementos que colaboram para a construção das representações que os docentes possuem de sua profissão e as semelhanças e distinções no modo como professores de diferentes etapas da educação básica concebem sua própria profissão.

Iniciaremos localizando a produção acadêmica a respeito do tema, em seguida apresentaremos a base teórica na qual fundamentamos a pesquisa, o percurso metodológico delineado, os dados localizados juntamente com a discussão pertinente e, por fim, teceremos nossas considerações encerrando, por ora, o estudo.

2. PROFISSÃO DE PROFESSOR: UMA REVISÃO DA LITERATURA A PARTIR DO GT-08 ANPED (2009-2013)

De modo a situar o estudo frente às produções já realizadas sobre o fenômeno a ser estudado realizamos um levantamento entre as pesquisas publicadas nos últimos cinco anos (de 2009 à 2013) pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED) inclusas no GT08- Formação de Professores buscando encontrar trabalhos que abordassem a profissão de professor. A escolha pela ANPED deu-se mediante sua capacidade de agregar produções de qualidade satisfatória e com relevância científica e o recorte de tempo ocorreu no intuito de abarcar as produções mais atuais. Privilegiamos a produção referente aos últimos cinco anos (2009 a 2013). Foram selecionados e analisados os resumos dos trabalhos do período de 2009 a 2013,

nessa busca, localizamos um universo de 106 trabalhos. Desse conjunto, embora dezessete (17) abordassem questões relativas à profissão de professor, apenas três (3) deles se revelaram mais relacionados ao nosso objeto de estudo. Todavia, nenhum contemplou exatamente a preocupação em saber como os professores das distintas etapas da Educação Básica veem hoje a profissão docente.

Esse achado inicial desencadeou a reflexão a respeito de por quais motivos o tema não foi diretamente abordado nos últimos anos. Seria a profissão de professor um tema não tão pesquisado nos últimos anos? Ou o tema é pesquisado, mas os trabalhos não foram publicados pela ANPED? Ou ainda, o tema, apesar de não estar sendo abordado diretamente, não estaria imerso em outros trabalhos sobre o professor relacionado com tantos outros aspectos? A terceira opção nos pareceu ser a mais plausível. Entretanto, continuamos a nos questionar sobre se realmente a temática aparece diluída em produções que abordam outros aspectos e sendo assim, essas produções estariam dando conta de problematizar as questões referentes à profissão de professor de forma satisfatória.

No que se refere aos três trabalhos que tratavam sobre as representações sociais relacionadas à profissão docente. O primeiro, apresentado na 33ª Reunião da ANPED realizada em Caxambu, Minas Gerais, no ano de 2010, tratava das representações que os docentes da graduação em Engenharia apresentavam da profissão de professor. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 11 professores e a partir da análise do conteúdo das entrevistas evidenciou-se visões, em sua maioria, da docência como um dom inato, capaz de ser aprendido no dia a dia da sala de aula por meio dos erros e acertos com os alunos e inspirado na trajetória escolar já vivida. A representação de professor correspondia a um profissional ligado aos moldes tradicionais de ensino, pautado na transmissão de conteúdos e técnicas.

O segundo trabalho, também apresentado na reunião da ANPED do ano de 2010, versava sobre as representações que os alunos do curso de Pedagogia têm da profissão de pedagogo e como a identidade profissional deles estava sendo construída a partir de sua formação inicial. Um questionário e uma entrevista coletiva semiestruturada foram aplicados com alunos ingressantes e concluintes do referido curso e demonstraram que a formação inicial propicia a discussão sobre variados conhecimentos ligados ao âmbito educacional e os alunos concebem a profissão fazendo alusão tanto a um viés romântico atrelado à mudança do mundo quanto a um viés negativo no qual enfocam o desprestígio da profissão e a crise da educação.

O terceiro trabalho foi apresentado em 2012, da 35ª reunião da ANPED e objetivou saber que representações os alunos das licenciaturas constroem da docência no Ensino Superior. Através da técnica de associação livre de palavras apresenta uma visão da docência relacionada a elementos de ordem profissional, social, pessoal e afetiva na qual o conhecimento e a competência ocupam lugar de destaque.

De um modo geral, as representações da profissão de professor presentes nestes três trabalhos sinalizam uma docência que requer conhecimentos e competências específicas, pautada em valores e crenças construídas ao longo da trajetória familiar e escolar e relacionada com a interação com os demais sujeitos. Entre os autores mais citados estão Moscovici, Nóvoa, Pimenta e Freire o que evidencia a contribuição significativa de suas obras, bem como a sintonia presente nas leituras sobre o tema abordado nos trabalhos. No que se refere aos instrumentos metodológicos utilizados nos pareceu que sua escolha, além de estar ligada aos objetivos de cada trabalho deu-se certamente por possibilitarem uma delimitação e ao mesmo tempo uma abertura para as colocações dos sujeitos da pesquisa.

É importante mencionar que apesar dessas três produções abordarem de algum modo as representações sociais ligadas a profissão docente, ainda sim, enfocavam a partir de óticas específicas: docência no ensino superior, docentes de determinada área específica de conhecimento -engenharia- com bacharelado e futuros pedagogos. Ressalta-se dessa forma a ausência, ao menos no recorte realizado, de produções que envolvam as representações sociais sobre a profissão de professor no que tange a educação básica e também o entrelaçamento de representações que abordem professores de diferentes níveis e modalidades de ensino residindo neste ponto a pertinência e a relevância do desenvolvimento de pesquisa com este enfoque.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Profissão docente: aproximações teóricas

Conforme anunciado acima nossa pesquisa sugere duas categorias teóricas a serem abordadas neste trabalho a profissão de professor e a Teoria das Representações Sociais.

Considerar o exercício da docência como profissão significa enquadrá-lo em critérios específicos, comuns a todas as profissões, critérios esses que não são

universais. Sobre o que vem a ser uma profissão há na literatura atual distintas perspectivas apresentadas por diversos autores e entre os aspectos mais citados encontramos: comportamentos profissionais, base de conhecimentos consolidada, interesse coletivo acima dos individuais, existência de um código de ética, trabalho remunerado e especialização do saber. Há também questões ligadas à profissionalização e a profissionalidade, bem como são destacadas as condições objetivas e subjetivas da realização do trabalho.

Assumimos aqui a nossa posição do entendimento do exercício da docência sim como uma profissão por concordarmos com Nóvoa (1995) quando este nos evidencia a presença, no decorrer da trajetória da profissão docente, do desenvolvimento de um corpo de saberes e técnicas e um conjunto de normas e valores específicos embora em alguns momentos tenhamos vivenciado tendências de desprofissionalização ou proletarização. Em contrapartida Ludke e Boing (2004) afirmam que “não há um consenso com relação ao conceito de ‘profissão’. Mas, mesmo tomando como referência a discutível noção elaborada a partir das profissões liberais, o trabalho docente carece de inúmeros requisitos que lhe poderiam garantir o estatuto de profissão.” (p. 1175) Entre as fragilidades apresentadas pela profissão docente estes autores enumeram:

o grande número de pessoas que a exercem, com diferentes qualificações (e até sem nenhuma especificamente), [...] o crescente número de mulheres, o que alguns autores consideram um traço das ocupações mais fracas, [...] a entrada e saída da profissão, sem o controle dos seus próprios pares; a falta de um código de ética próprio; a falta de organizações profissionais fortes, inclusive sindicatos, [...] e também, sem querer esgotar a lista, a constatação de que a identidade ‘categorial’ dos professores foi sempre bem mais atenuada. (idem, p. 1168-1169)

Frente ao acima colocado pelos dois autores, consideramos pertinente reconhecer que cada ponto anteriormente citado sugere uma série de indagações e implicações a serem ponderadas sobre a profissão docente. Refletir sobre estes pontos ora nos aproximará da concepção do professorado como profissão, ora nos distanciará e essas fragilidades, sem dúvida, incidirão no modo como percebemos a profissão de professor tanto no que diz respeito aos próprios docentes como a sociedade em geral.

Os docentes, sujeitos imersos nesta conjuntura por vezes não favorável, são justamente aqueles que ao longo de sua carreira vão sentir/viver estas fragilidades em alguns momentos de maneira mais presente, em outros de forma mais branda. O próprio

modo como os docentes se posicionam frente a profissão de professor ao longo de sua carreira não se dá de maneira uniforme, está em constante transformação.

Huberman (2000) é um dos clássicos no trato do desenvolvimento da carreira. Segundo ele “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades.” (p.38)

O referido autor classifica o ciclo de desenvolvimento profissional em fases, a saber: entrada na carreira, estabilização, serenidade e distanciamento afetivo e preparação para a aposentadoria.

A entrada na carreira (período de 1 a 3 anos vividos na profissão), refere-se a fase na qual o professor encontra-se entusiasmado com sua inserção na profissão. É uma fase de descoberta, na qual ele passa por um “choque com a realidade” ao perceber a distância existente entre o ideal e o real, nela o educador se questiona sobre sua permanência neste campo de atuação, já que dia a dia vai se deparando com novas situações e dificuldades.

O período de estabilização (definido como entre 4 a 6 anos) é marcado pela afirmação de uma identidade profissional. Nessa etapa os professores se sentem mais libertos, capazes de ser afirmar perante os colegas, focam-se mais na aprendizagem dos alunos, aprendem mais técnicas e se consolidam pedagogicamente.

A diversificação e experimentação (demarcada entre 7 a 25 anos) é uma fase de maior segurança profissional, nela os professores ousam mais, diversificam seus modos de ensinar, suas aulas, suas relações com a turma. Geralmente encontramos docentes questionadores, buscando formas de não entrar numa rotina enfadonha.

Como etapa de mais serenidade e distanciamento afetivo, no período dos 25 a 35 anos de carreira, os professores estão menos preocupados com a avaliação que fazem dele. Ficam mais serenos, diminuem o investimento na carreira, distanciam-se afetivamente dos discentes, contudo nem todos os profissionais chegam a essa fase.

A preparação para a aposentadoria (período dos 35 aos 40 anos de carreira), é o momento de libertação. Nessa fase o profissional canaliza seus esforços não para a profissão, mas para si próprio. Os professores reveem as suas ambições e os seus ideais, se preparam para encerrar a sua atuação.

O conhecimento e a compreensão dessas fases são fundamentais para que possamos entender que a caracterização da atuação docente é marcada por variações,

tanto no que diz respeito a como o docente se reconhece enquanto professor, como nas relações que estabelece com o conhecimento, com a escola e com seus alunos.

O conjunto de professores segue a mesma carreira, todavia é notório que cada sujeito desenvolva um percurso distinto, não há um ritmo permanente no qual todos se enquadrem, nem uma sequência fixa a qual, obrigatoriamente, todos seguem. O que nos conduz a pensar que as mudanças pelas quais o docente passa ao longo da carreira norteiam sua postura como educador e marcam sua identidade profissional. Sendo assim, acreditamos ser útil o desenvolvimento de estudos que abarquem a profissão de professor como forma de avançarmos continuamente nesta discussão.

3.2. A Teoria das Representações Sociais

Ao estudarmos algo é comum que comecemos a partir de uma conceituação, mas quando tratamos de representações sociais a primeira coisa que devemos ter em mente é que o seu conceito não chega a um limite, há sempre algo que nos escapa e conduz a ampliação dos nossos horizontes a esse respeito. Tomamos por base a Psicologia Social, Sociologia e Antropologia e na esteira dessas três ciências situamos as representações sociais.

No Brasil é a partir da década de 70 que o interesse pelo estudo das Representações Sociais é iniciado e com forte ligação à Psicologia Social sob uma ótica mais crítica e atualmente é cada vez mais crescente as pesquisas e discussões sobre a teoria o que contribui para a sua composição e o seu fortalecimento.

Serge Moscovici, romeno naturalizado francês, psicólogo de formação e atuação, foi pioneiro no trato de Representações Sociais, que surgem como novo olhar diante da visão preeminente. Essas representações conferem identidade aos sujeitos e aos grupos. Constituem saberes compartilhados que contribuem para interpretação da realidade. São saberes dinâmicos que conduzem o indivíduo a interagir e se relacionar com o meio, tanto indivíduo quanto meio se modificam. Para melhor compreensão do conceito de Representações Sociais (RS) autores, como Moscovici e Jodelet, as consideram como proposições oriundas da vida cotidiana e conhecimento socialmente construído e difundido que orientam práticas e comportamentos dos sujeitos no dia a dia. No entanto, não se trata de um conceito simples, mas algo complexo de se definir ou explicar. O próprio Moscovici reconhece que é mais fácil identificar do que definir representações sociais.

Apesar da dificuldade de se estabelecer o conceito existem três pilares sobre os quais ele se ergue: informação (em geral difusas dizem respeito ao que circula a respeito do objeto), campo de representação (uma imagem, algo mais estruturado e significativo em relação ao objeto) e atitude (posição tomada frente ao objeto e/ou situação). A representação torna o estranho familiar, atribuindo-lhe um sentido, na atribuição de sentidos estão envolvidas a cultura na qual está imerso o sujeito, seus valores e crenças. Machado (2013) chama a atenção para o fato de que “sujeitos e grupos partilham representações, mas podem ter elementos que não são consensuais, pois estão imersos numa rede de significados ao mesmo tempo comum e particular a cada um.” (p.17)

As representações sociais são historicamente construídas, ligadas ao contexto socioeconômico, cultural, as práticas dos indivíduos e ao mesmo tempo são ressignificadas por eles a partir de suas vivências. Quando constrói uma representação o sujeito se mistura com o objeto representado. As representações dão indícios de pertencimento do sujeito a um grupo, elas estão diretamente ligadas ao grupo social no qual estamos inseridos, são elaboradas e partilhadas no coletivo. Como os grupos não são homogêneos a representação de um mesmo objeto pode variar de acordo com o seu perfil interferindo no modo de cada sujeito agir e se comunicar.

As representações sociais se configuram como relacionais e, por conseguinte, sociais à medida que englobam distintos elementos imersos na realidade dos sujeitos e objetos. Concordamos com Guareschi (2002), ao tratar sobre o conceito de representações sociais, ele afirma que “é um conceito dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural. Possui uma dimensão histórica e transformadora. As representações sociais agregam aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos.” (p. 202) Elas estão ligadas a dinamicidade da reestruturação constante de imagens e entendimentos dos objetos na realidade em que os sujeitos estão inseridos, relacionam-se com o contexto histórico, são capazes de nortear não só a construção dessas imagens como também sua transformação ao longo da história e influenciam os pensamentos e comportamentos dos sujeitos.

O ato de representar de acordo com Jodelet (1988 apud Oliveira F. e Werba, 2010) traz consigo cinco características: representa um objeto, é uma representação de algo; é uma imagem, pode acarretar em mudança no modo como se concebe, se percebe este objeto; tem caráter simbólico, interpreta o objeto, abarca questões relativas a consciência e ao imaginário sejam eles individuais ou coletivos; tem poder ativo e construtivo, permite a constituição da noção do objeto e; caráter autônomo e generativo,

é uma forma de conhecimento capaz de gerar novas questões e conhecimentos de algo. Desse modo, vemos aqui a complexidade que compõe uma representação e como ela contribui no processo de elaboração e reelaboração do ideário dos sujeitos acerca do objeto representado.

A comunicação exerce um papel fundamental no estabelecimento da representação social e segundo Jodelet (2001) atua em três momentos do processo representacional: emergência das representações sociais, processos de formação e edificação de condutas. A construção das representações perpassa os processos de objetivação e ancoragem, a esse respeito Oliveira M. (2004) ressalta que inicialmente, Moscovici, denominou este processo de amarração. O autor comenta sobre o sentido de amarração e sua evolução na obra de Moscovici quando afirma:

“amarrar um barco a um porto seguro”, conceito que logo evoluiu para sua congênere ‘ancoragem’ e objetivação, processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar. (p.181)

O processo de objetivação desenvolve-se em estágios que envolvem construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização. A ancoragem consolida as ideias por meio da classificação e da nomeação. Os dois processos, de tão interligados, mostram-se difíceis de se dissecar uma vez que são simultâneos e dinâmicos.

Para Oliveira F. e Werba (2010) “estudar representações sociais é buscar conhecer o modo de como um grupo humano constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social”. (p. 107) É justamente neste ponto que reside uma das principais contribuições das Representações Sociais, elas nos permitem compreender aspectos da realidade em que estamos imersos, que não conseguimos perceber, mas que influenciam nossos pensamentos, atitudes e decisões. Influências essas que seguem muito mais a “lógica não racional” do que a “lógica racional” propriamente dita. Três postulados abarcam o conceito de representação social: a abrangência, o poder explanatório e o elemento social.

Moscovici foi o grande percussor do que se consolidou como Teoria das Representações Sociais. Juntamente com Jodelet, o autor foi pioneiro na discussão das representações sociais e de sua difusão. Os dois autores filiam-se a matriz inicial da teoria e sem dúvida prestam uma contribuição ímpar no que diz respeito ao entendimento dessas representações. Na atualidade, a teoria tem crescido e conta em seu interior com, pelos menos, duas tendências já sistematizadas, cada uma delas com um

corpo de conhecimentos que podemos denomina-las de abordagem. A vertente de Escola Aix Provence, ou abordagem estrutural, proposta inicialmente por Abric e a de Genebra, de caráter societal liderada por W. Doise.

A abordagem estrutural concebe a representação como uma estrutura formada por dois sistemas o central e o periférico. O sistema central é mais consistente e difícil de ser modificado, liga-se a significação atribuída ao objeto, é estável enquanto que o sistema periférico apresenta maior variação e mais abertura às mudanças, relaciona-se ao contexto, às circunstâncias na qual a representação é criada. Já a abordagem societal procura situar o indivíduo no coletivo, indicando a influência decisiva dos grupos de pertença do sujeito na elaboração das representações sociais. Vale ressaltar que estes dois sistemas atuam simultaneamente.

Para o desenvolvimento deste estudo optou-se pela versão clássica da Teoria das Representações Sociais. Consideramos que os estudos de Moscovici e Jodelet são primordiais no trato das questões simbólicas que permeiam as representações da docência, tanto no que diz respeito a elaboração dessas representações quanto nos desdobramentos que elas acarretam na atuação docente. O desenvolvimento de pesquisas que abordam fenômenos educacionais analisados à luz dessa teoria tem sido cada vez mais crescente. A Teoria das Representações Sociais e seus conceitos de base serão de grande valia para se entender o que pensam os professores sobre a própria profissão.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que contou com a participação de 10 sujeitos. Abarcamos professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A opção pelo trabalho com professores de distintas etapas da Educação Básica decorreu do interesse em verificar se há semelhanças e diferenças na forma como os professores representam a profissão docente, explicitando essas diferenças e como elas são construídas. Outro critério adotado na escolha dos participantes da pesquisa foi o tempo de profissão, os professores selecionados são professores não-iniciantes, ou seja, professores com mais de três anos de atuação na profissão.

De acordo com Huberman (2000) o ciclo de desenvolvimento profissional docente organiza-se em etapas ou fases: a entrada na carreira, a fase de estabilização, de diversificação, de questionamento, de serenidade e distanciamento afetivo,

conservantismo e lamentações e desinvestimento. Cada etapa ou fase é marcada por características próprias, mas é preciso lembrar que não necessariamente todos os docentes passam por todas as fases e ainda que por elas passem, o modo como lidam com elas não é homogêneo. Nossa opção por não incluir os professores iniciantes (aqueles em entrada na carreira e na fase de estabilização) provém, justamente, do fato de que nesta etapa da carreira docente ser muito comum os profissionais apresentarem um entusiasmo inicial, estando, até então, construindo a sua identidade profissional e a consolidando. Desse modo, professores em meio ou fim de carreira, ou seja, os que já estão há mais tempo no ofício e passaram por um número maior de experiências nos parecem ter tido mais elementos para construir representações sociais da docência como profissão.

Para a coleta de dados utilizamos entrevistas narrativas. Sobre este procedimento de coleta de dados Jovchelovitch e Bauer (2002) pontuam que as entrevistas narrativas possibilitam que o entrevistador a partir de perguntas abertas induza o entrevistado a construir uma narrativa, a intervenção do entrevistador uma vez terminada a narrativa central pode ocorrer para esclarecer pontos não entendidos, este tipo de entrevista foge ao padrão comum das perguntas e respostas. Admitimos ser esta uma estratégia relevante para proporcionar aos docentes oportunidades para que discorram mais livremente sobre sua profissão sem que isso lhes cause sensações de desconforto ou intimidação.

Para a obtenção dos dados necessários à pesquisa foi elaborado um roteiro com 6 (seis) perguntas a serem respondidas pelos sujeitos da pesquisa (ver APÊNDICE 1) e objetivando verificar a pertinência do instrumento desenvolvido bem como a aproximação da pesquisadora com o exercício da coleta de dados realizamos um estudo piloto³ que nos permitiu testar o instrumento preparado. Conforme nos apontam Marconi e Lakatos (2003), esta ação nos permite verificar se o instrumento preparado para coletar os dados mostra-se adequado, claro, de fácil compreensão e acessível aos sujeitos.

³ Participaram do piloto uma professora da Educação Infantil, uma do 5º ano do Ensino Fundamental e um professor dos anos finais desse mesmo nível. Para a seleção destes sujeitos foram observados os mesmos critérios que elencaram os sujeitos da pesquisa: atuar como docente há no mínimo 5 anos e lecionar em escolas públicas. Os participantes evidenciaram o seu entendimento acerca das questões propostas. Consideramos o instrumento claro, conciso e pertinente aos objetivos de nossa pesquisa, não visualizando a necessidade de mudanças em sua estrutura, desse modo o habilitamos à realização da coleta definitiva de dados.

4.1. O percurso em campo- processo de coleta de dados

Para se captar a representação social que os professores construíram da profissão foi elaborado além do roteiro com seis perguntas referentes ao objeto da pesquisa um protocolo que requeria informações socioculturais dos sujeitos (faixa etária, sexo, escolaridade, tempo de atuação, quantidade de turnos que trabalha, entre outros).

Selecionamos os participantes considerando o tempo de exercício da docência, ou seja, no mínimo, cinco anos e que atuassem em escolas públicas. Selecionamos 10 professores da Educação Básica, sendo dois professores de Educação Infantil, dois dos anos iniciais do Ensino Fundamental, três dos anos finais do Ensino Fundamental e três do Ensino Médio. Professores estes atuantes em escolas nas quais a pesquisadora anteriormente já havia desenvolvido atividades acadêmicas como pesquisas e estágios ou já havia atuado enquanto funcionária da rede municipal de ensino.

Primeiramente fizemos um contato telefônico seguido de um contato por e-mail com informações mais detalhadas sobre a pesquisa para que os candidatos informassem se concederiam ou não que a entrevista fosse gravada. Alguns professores chegaram a solicitar cópia do projeto de pesquisa seja em formato digital ou impresso para que pudessem obter maiores informações sobre a temática, quando isto ocorreu atendemos prontamente ao solicitado. Mediante a resposta positiva houve novo contato via telefone agradecendo a disponibilidade em colaborar com a pesquisa e agendamento da entrevista.

Embora a realização das entrevistas tenha ocorrido sem grandes problemas alguns percalços tiveram de ser enfrentados antes da sua concretização. Após o contato inicial e a obtenção da resposta positiva sete docentes, do grupo inicial de dez, manifestaram impedimentos de natureza diversa em relação à participação na pesquisa alegando naquele momento encontrarem-se em gozo de licença, estavam demasiadamente ocupados com as demandas de sua profissão, terem desistido ou repensado o interesse em participar da pesquisa ou não se sentirem confortáveis em relação à gravação da entrevista. Mesmo após novo contato, cinco professores reafirmaram seus motivos para não participar da pesquisa e então foi necessário realizar as devidas substituições.

Visando otimizar o tempo da coleta de dados uma vez que os percalços encontrados já nos fazia quase extrapolar o tempo estimado para a realização desta etapa optamos por localizar novos participantes utilizando as próprias escolas nas quais

atuam os dez professores inicialmente selecionados. Realizamos contato presencial com os demais profissionais docentes destas instituições e de uma escola vizinha, profissionais estes compatíveis com os critérios de participação desta pesquisa e mediante resposta positiva agendamos o momento de concessão da entrevista.

Cada entrevista ocorreu em data e horário distintos conforme a disponibilidade dos entrevistados e no momento da entrevista eles não manifestaram relutância nem retraimento frente à gravação em áudio. As entrevistas duraram em média de 20 a 25 minutos e foram realizadas no ambiente escolar em momento anterior, posterior ou entre os intervalos das aulas.

Cinco sujeitos da pesquisa encontravam-se na faixa etária de 31 a 40 anos de idade; um deles na faixa etária entre 21 a 30 anos, dois estavam com de 41 a 50 anos e dois com entre 51 a 60 anos de idade. Em relação ao tempo de profissão dos sujeitos três tinham entre 5 a 10 anos, quatro de 11 a 20 anos e três de 21 a 30 anos de exercício da docência.

A grande maioria dos entrevistados, ou seja, oito deles cursaram especialização, um concluiu somente a graduação e um deles havia concluído o curso de mestrado. Trabalhavam em mais de uma instituição escolar e mesmo os que trabalhavam em uma única instituição trabalhavam os dois turnos nessa instituição. Esses dados nos revelam um pouco do modo como se encontram estes docentes da rede pública de Educação Básica: docentes formados e especializados e que, a partir do que colocaram nas entrevistas mostraram-se conscientes da necessidade de formação contínua para seu aperfeiçoamento profissional. Os participantes já possuem um tempo significativo de exercício da docência e acumulam dupla ou tripla jornada para que possam obter condições financeiras menos adversas.

Durante a concessão da entrevista todos os professores participantes demonstraram compreender as questões que lhes eram indagadas, de certa forma, as respostas foram breves e bastantes pontuais. Os docentes responderam diretamente ao que estava sendo perguntado sem muitas divagações ou referências a outros assuntos que não haviam sido perguntados. Desta maneira, apesar dos obstáculos enfrentados para chegar ao grupo, foi possível concluir a coleta de dados dentro do prazo que planejamos e sem grandes desgastes.

4.2. Procedimento de análise dos dados

A análise de conteúdo proposta por Bardin (2004) e discutida Franco (2008) nos serviu de referencial para o tratamento do material obtido a partir das entrevistas. Este tipo de análise privilegia o conteúdo das mensagens, os dados são organizados, têm seus resultados codificados e categorizados e a partir deste material são realizadas as inferências por parte do pesquisador. Levando em consideração os objetivos de nossa pesquisa consideramos pertinente as indicações de uma análise temática que embora Bardin afirme não ter uma definição específica o próprio autor a revela da seguinte maneira:

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os «núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. O tema, enquanto unidade de registo, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. (2004, p.105-106).

Em nossa pesquisa, realizamos a exploração do material colhido nas entrevistas narrativas, agrupamos as informações em categorias que congregam unidades de sentido semelhantes, desenvolvemos as inferências pertinentes e por fim, interpretamos e analisamos as representações oriundas deste processo para que pudéssemos assim entender como é vista hoje a profissão de professor pela ótica dos profissionais atuantes em sala de aula das diferentes etapas da educação pública básica.

4.3. Organização e discussão do material

A entrevista narrativa enquanto técnica específica de coleta de dados revela-se como um método de geração de informações que vai muito além do que é dito pelo entrevistado. Por organizar-se em torno de uma narrativa, como o próprio nome já indica, este tipo de entrevista possibilita ao sujeito contar uma história o que “implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.” (Jovchelovitch e Bauer, 2002, p.91)

Ao proferir uma narrativa o sujeito apresenta, na construção de sua fala, um enredo carregado de intencionalidades e as informações privilegiadas ou omitidas são guiadas a partir de sua experiência pessoal, de sua perspectiva de mundo, do fim a que se destina a narrativa e de quem a escuta. Desse modo, a entrevista narrativa possibilita ao pesquisador entrar em contato não somente com o conteúdo explícito na fala de seu

informante como também com as emoções, os retraimentos, os indicativos corporais e até mesmo os comentários informais emitidos na fase conclusiva da entrevista que muitas vezes revelam informações bastante significativas para a pesquisa a ser realizada. Portanto, ao fim de cada entrevista com os professores participantes deste estudo mantínhamos o hábito de anotar estes dados significativos para que, em momento posterior de análise, pudéssemos aliar este rico material ao conteúdo gravado nas entrevistas.

A organização dos dados colhidos com as entrevistas teve início com a escuta atenta dos áudios para que pudéssemos entrar em contato com esse material percebendo as mensagens nele contidas e apreendêssemos o significado dos dados significativos anteriormente mencionados. Com o intuito de desenvolver uma leitura ainda mais precisa realizamos a transcrição literal do áudio das entrevistas e nos debruçamos a ler e reler o material que dispúnhamos. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa utilizamos nomes fictícios na identificação dos professores.

Em seguida agrupamos o que dizia cada participante em relação a cada ponto questionado. Obtivemos, desta maneira, quadros que identificavam o que para cada questão foi proferido pelos professores de cada uma das distintas etapas da Educação Básica e estes quadros nos possibilitaram identificar de maneira mais eficaz as semelhanças e diferenças entre os dizeres coletados. O desenvolvimento desta ação nos fez realizar muitas idas e vindas nas transcrições das entrevistas e por vezes tornamos a escutar os áudios na busca de uma captura, o mais fiel possível, dos sentidos emanentes das falas dos sujeitos.

Utilizamos cores variadas para identificar as semelhanças contidas nas falas dos participantes e em seguida reagrupamos os trechos das falas codificadas. Na formação dos agrupamentos utilizamos os critérios citados por Bardin (2004) para a criação de categorias: os princípios de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, produtividade, objetividade e fidelidade. Em nosso processo ao optarmos pelo trabalho com categorias temáticas utilizamos a formação *a posteriori* na qual, conforme nos afirma Franco, “as categorias vão sendo criadas, à medida que surgem nas repostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas.” (2008, p. 60). Cada agrupamento (localizamos cinco) recebeu uma nomeação específica que caracterizava o elemento em comum daquele conjunto de falas e assim foram formados os temas. Por fim identificamos *O que é ser professor* para os entrevistados resultando em uma representação do *ser professor* em 5 temas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As representações sociais enquanto saberes elaborados e compartilhados pelos sujeitos, historicamente construídas e em constante processo de reestruturação são passíveis de observação à medida que “circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.” (JODELET, 1989, p.31) Elas subsidiam o processo de formação do ideário de um sujeito ou de um grupo a respeito de um dado objeto, ser, acontecimento e/ou aspecto da realidade. Foi justamente a partir das mensagens veiculadas nos discursos dos professores em suas entrevistas que identificamos cinco eixos indicadores da representação do *ser professor*. São eles: **transmissão de conhecimentos; agente de mudanças; questões de ordem subjetiva ou afetiva; lutas e desafios e perspectivas em relação à profissão.**

O primeiro eixo reúne elementos ligados a representação do *ser professor* enquanto transmissor de conhecimentos. São colocações firmes nas quais a profissão aparece intimamente relacionada com o “dar aulas”, com os “conteúdos e aprendizados”, o “aprendizado” dos alunos e o “acúmulo de experiências”. Os professores referem-se ao “dever de ensinar”. A dimensão do ensino possui grande destaque nas falas e apresenta-se diretamente associada a capacidade do professor de lecionar mesmo em condições não tão favoráveis e, devido a essa capacidade de transmitir conhecimentos, obter o reconhecimento e respeito por parte dos alunos.

[...] estou aqui como professora e aqui a minha obrigação, o meu dever é ensinar. (Prof.^a Bianca- Educação Infantil)

Ser professor é ser o profissional designado a levar aos seus alunos aquilo que eles precisam aprender, o que é nem sempre coincide com o que eles querem aprender. (Prof.^a Yasmim- Anos finais do Ensino Fundamental)

A representação do professor enquanto transmissor de conhecimentos aparece fortemente na fala de todos os entrevistados, a profissão surge majoritariamente ligada ao ensino de conteúdos aos alunos. Nessa perspectiva, “competência”, “esforço” e “responsabilidade” por parte do professor são capacidades apontadas como essenciais. O professor aparece como aquele que tem a obrigação, o dever perante a sociedade de ensinar. A sólida presença da dimensão do ensino, presente nas falas dos professores,

revela o quanto a tarefa de proporcionar ao aluno a compreensão de novos conhecimentos é enfocada no dia a dia.

Assim, podemos indicar que o primeiro eixo destaca a representação social da docência centrada na tarefa de transmitir conhecimentos.

No segundo eixo congregamos os elementos relacionados à representação do ser professor como um agente de mudanças. O *ser professor* está associado àquele sujeito que assume um “compromisso com a formação humana”, com o seu aluno, com a sociedade na qual está imerso. É visto como o sujeito “responsável pela realização de uma mudança nos estudantes e na comunidade” e nesta demanda por constante transformação de si próprio, do outro e do lugar à sua volta deve sempre ser “alguém disposto a aprender”, que vai em busca de novos conhecimentos por conta própria. Essa possibilidade do profissional transformar a realidade através de sua atuação junto aos alunos não aparece de maneira utópica. Os docentes elencam ações simples como o debate em sala de aula com os alunos sobre os temas atuais da sociedade como uma das ações em que exercem esse papel.

A formação pode favorecer o exercício desse papel. Os professores referiram-se a necessidade de uma formação contínua, seja ela em serviço ou não, reconhecendo-a como capaz de proporcionar aos docentes atualização e novos conhecimentos, embora reconheçam que em muitos casos lhes são oferecidas formações distantes da realidade do cotidiano escolar. Um “bom professor” é apontado como aquele que busca esse tipo de formação, todavia ressaltam que a categoria como um todo não confere muita importância a estes momentos. Afirmou um deles:

[...] ser professor também é buscar, aprender, com os alunos, com os outros, sozinho. É aprender sempre. Por isso é que ser professor alia o ensino a outras dimensões como a pesquisa e a formação continuada, por exemplo, quando a gente pensa o ser professor pensa logo no ensino, nos alunos e na sala de aula, mas o que na maioria das vezes, ou melhor, quase sempre, não é levado em consideração é que para acontecer essas aulas o professor precisa de suporte, um suporte mínimo que seja. É preciso investir em formação, é preciso pesquisar. (Prof.º Walter- Ensino Médio)

No terceiro eixo elencamos os elementos ligados a questões de ordem subjetiva e afetiva. Eles estão associados a sentimentos de “prazer”, “orgulho” em relação a profissão docente. Os professores citam o “amar”, “gostar” da profissão como condição essencial para um bom exercício da docência. A questão vocacional é trazida à tona e alguns chegam a afirmar que estão na profissão por gostar da atuação pedagógica

que assumiram. Admitem que o professor por vezes acaba adentrando-se em outras questões que não a do ensino como, por exemplo, quando um profissional desempenha o papel de psicólogo ou um amigo conselheiro em relação aos seus alunos, porém demarcaram bem que a profissão, mesmo abarcando muitas atribuições, não pode ser confundida com outros papéis.

Os sujeitos reafirmam a realização do seu trabalho docente mesmo diante dos problemas revelando a profissão como “gratificante”, uma profissão que requer “paciência”, “dedicação,” mas resulta em um “orgulho” pelo trabalho realizado.

Sou professora com muito orgulho, gosto do que eu faço, me dedico às minhas aulas, aos meus alunos e acredito que seja isso que é ser professor, é dar suas aulas, estar sempre disposto a aprender, a lutar e também gostar muito do que faz. (Prof.^a Luciana- Anos iniciais do Ensino Fundamental)

O quarto eixo temático associa a representação do *ser professor* aos desafios e lutas enfrentados no dia a dia da profissão. Enquanto que para alguns tratar desta temática servia de impulso para listar as condições reais vividas para outros significava um momento de ponderação ao pensarem sobre o que poderiam (leia-se deveriam) ou não abordar. Os professores apontaram um cenário de “precariedade”, entendida como inadequação e/ou insuficiência em relação a “estrutura física das escolas”, ausência de “recursos didáticos”, “má remuneração”, “falta de tempo para preparo das aulas”.

Um ponto bastante enfatizado pelos professores foi a falta de tempo para o desenvolvimento da pesquisa enquanto integrante de sua formação, reconhecendo a necessidade de momentos específicos de estudo para que a qualidade do trabalho desenvolvido fosse elevada. Nota-se, neste eixo, que ao mencionar “pesquisa” essa atividade foi utilizada num sentido genérico, de busca por informações, conhecimentos e não num sentido específico de trabalho que envolva um rigor científico.

Os alunos foram mencionados como não tão “interessados” em relação aos estudos e a “descontinuidade de programas e políticas educacionais” foi amplamente mencionada como algo dificultador. Segundo os docentes, não há um acompanhamento e avaliação adequados do que é proposto para ser executado nas escolas e a educação fica relegada a “interesses externos” a ela própria (interesses políticos, econômicos). Afirmaram os professores:

Não podemos negar que é uma profissão cercada de altos e baixos, há inúmeros fatores que concorrem para que o trabalho do professor seja exercido com êxito e sua valorização enquanto profissional e condições dignas de trabalho são o mínimo que um professor deve ter. Mas que na realidade é sabido que ele não tem. A valorização vem não só do salário mas

da estruturação de uma carreira profissional, de programas de atualização, de formações que reciclem os conhecimentos dos professores, de políticas voltadas para a educação, mas de políticas que sejam levadas a sério, muito mais que destaques em períodos eleitorais e sim programas de estado, políticas e programas duradouros, pensados a médio e longo prazo e não tapa buracos, preenchedores de lacunas de etapas de educação anteriores. (Prof.º Pedro Eugênio- Ensino Médio)

Ao se referirem à luta da categoria dos docentes, foram comuns referências à categoria como “sofrida”, “humilhada”, “cansada” e principalmente “desvalorizada”. Embora os professores reconheçam que a categoria já tenha avançado em muitos pontos ressaltam que há ainda muito a ser conquistado. A desvalorização foi palavra de ordem e ora aparecia atrelada a elementos externos como as políticas e programas educacionais, a mídia, a comunidade externa à escola, ora também era atrelada aos próprios docentes que, segundo eles, nem sempre estavam dispostos a ir à luta por comodismo, por não acreditarem na luta ou por simplesmente se manterem à margem dos entraves.

No último grupo elencamos os pontos que dizem respeito as perspectivas dos professores em relação a profissão docente e sua permanência nela. Conforme dito anteriormente, os professores reconhecem as “lutas” e “avanços” conquistados pelo grupo ocupacional do magistério mas diante do “cansaço” e “frustrações” que acumularam ao longo de sua carreira passam a enxergar a profissão como algo provisório, buscando permanecer nela somente até conseguirem outra ocupação em área distinta por meio de novo concurso público ou passarem a atuar na Educação Superior e deixarem a Educação Básica. A Educação Superior é apontada como portadora de melhores condições de trabalho, remuneração e reconhecimento perante a sociedade.

A questão salarial também é fator decisivo em relação à permanência na profissão, mas lembram que para obterem padrões mínimos de sobrevivência acabam por se submeter ao trabalho em dois ou mais turnos. Os professores reconhecem a existência de um amplo mercado de trabalho que dificilmente os deixaria sem emprego e reiteram a rejeição atual sofrida pela profissão enfatizando que “hoje em dia ninguém quer mais ser professor”. Há também aqueles que explicitam pretenderem continuar na atuação docente por após tantos anos já não terem tão presente a perspectiva de mudança, por considerarem mais cômodo continuar sua rotina ao invés de recomeçar uma nova jornada após tantos anos de profissão.

Hoje estou aqui, prestes a me aposentar mas eu não quero não, aliás as vezes eu quero, as vezes eu não quero, penso em deixar a acumulação, então penso no dinheiro, na minha rotina. Não dá pra viver com um salário só. É claro que

eu gostaria de trabalhar um turno só, mas nós não conseguimos pagar as despesas só com um horário. É neste ponto que o calo aperta. (Prof.^a. Luciana- Anos iniciais do Ensino Fundamental)

Ainda que tenhamos destacado a representação do ser professor em cinco eixos é inegável as relações entre eles, o que corrobora para uma interpretação do ser professor de maneira multidimensional. A esse respeito Jodelet (2001) nos chama atenção para o quão complexo e dinâmico é o processo de elaboração de uma representação social que compreende elementos de ordem cognitiva, ideológica, normativa, além de crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Elas são norteadoras das condutas sociais influenciando no modo como o indivíduo compreende determinado fenômeno ou objeto e desenvolve suas práticas em relação a eles.

O grupo participante da pesquisa apontou de modo contundente o *ser professor* como transmissor de conhecimentos. Essa representação não é exclusiva desse grupo, Nóvoa (1995) ao tratar da trajetória do professorado e da constituição de sua profissão indica que a noção do professor enquanto transmissor do conhecimento aparece desde os primeiros indícios de surgimento deste profissional, aquele responsável por repassar as informações àqueles que não detém o conhecimento.

Nóvoa trata, além disso, da demanda do professor ser mais do que um simples provedor do acesso ao conhecimento. Para este autor a ação docente “está impregnada de uma forte intencionalidade política [...] *agentes culturais*, os professores são também, inevitavelmente, agentes políticos.” (1995, p.17) Na atual conjuntura de uma sociedade da informação movida pelas constantes transformações é cada vez mais compartilhada a noção de que o trabalho do professor deva contemplar, além do enfoque no conhecimento historicamente acumulado, o desenvolvimento de uma formação crítica.

Na pesquisa desenvolvida a relação da docência atrelada a uma formação crítica emergiu nos momentos em que os professores citaram sua atuação como algo capaz de transformar a sua vida e as vidas dos que estão à sua volta, dos seus alunos e assim contribuir para um novo delineamento de sociedade. Esta noção esteve presente especificamente nas falas dos docentes do Ensino Médio, esses profissionais reiteravam sempre a necessidade de se aliar os conteúdos ensinados à uma formação mais politizada afirmando fazer isto por meio de debates e atividades em sala, embora lembrem que no dia a dia encontram muitas dificuldades como, por exemplo, a própria resistência dos alunos que se mostram desmotivados.

Em meio aos percalços da profissão professores de toda a Educação Básica apresentam hoje características evidentes de um mal-estar docente caracterizado por Esteve como “efeitos negativos permanentes que afetam a personalidade do professor em resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência”. (1992, p.31) O autor comenta que nos deparamos com profissionais portadores de emoções negativas, altos níveis de absenteísmo, pedidos de remoção e até o desejo de abandonar a docência. A esse respeito, as colocações realizadas pelos sujeitos de nossa pesquisa corroboram para esse quadro sinalizando um possível cenário de mal-estar docente vivido pelos professores das nossas redes de ensino.

Apesar dos obstáculos enfrentados a profissão revela-se para alguns professores como “gratificante”, elementos de ordem emocional como “gostar” e “amar” a profissão surgiram principalmente nos dizeres dos professores de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em nosso estudo constatamos que os professores da Educação Infantil e anos iniciais afirmam ter ingressado na profissão, justamente, por questões de ordem vocacional e fatores subjetivos e emocionais. Por outro lado, para os professores dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio o fator mercado e as questões relativas ao desejo de contribuir para uma transformação social foram mais marcantes em suas escolhas profissionais.

Por fim, referindo-se a um contexto marcado por dificuldades, desvalorização profissional e crescente número de atribuições, identificamos entre os professores pesquisados que a docência é vista como atividade provisória, até que surja uma nova oportunidade profissional. Caso os professores venham a permanecer na profissão, isto ocorrerá devido a questões de ordem vocacional ou subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivados a investigar o que pensam os professores a respeito de sua profissão, realizamos esta pesquisa com o intuito de compreender as representações da profissão docente construídas pelos professores de escolas públicas das diferentes etapas da Educação Básica. Buscamos, ainda, conhecer as razões que mantêm estes profissionais ligados à docência, os desafios por eles enfrentados em sua jornada, quais elementos colaboram para a constituição das representações em questão, bem como as distinções e semelhanças existentes nas representações dos professores.

O trato da profissão docente sob a ótica das representações sociais constitui-se fecundo a partir do entendimento das representações enquanto “significados que as

peças utilizam para entender o mundo [...] que servem de orientação para seus comportamentos e ações.” (MACHADO, 2013, p.18) Investigar as representações da docência construídas pelos próprios docentes implicou em compreender não somente o modo como eles enxergam sua profissão mas também o modo como essa visão foi constituída, o que colaborou para isso e quais as implicações dela nas práticas docentes.

Ao realizarmos esta pesquisa os dados apontados orientam para uma representação do *ser professor* pautada em cinco eixos que abarcam elementos ligados a transmissão de conhecimentos, transformação social, questões de natureza subjetiva/emocional, dificuldades enfrentadas no cotidiano e perspectivas diante da carreira docente. O professor é representado como alguém incumbido de transmitir os conhecimentos sendo sua ação capaz de gerar uma transformação social, profissional esse que carrega uma forte carga emocional, está imerso num ambiente de muitas lutas e desafios e tem bem delimitadas suas perspectivas em relação à profissão.

Os docentes da Educação Básica compartilham uma representação do ser professor enquanto transmissor de conhecimentos. Reconhecem as lutas e desafios vividos na profissão e há questões de cunho emocional e vocacional que ligam fortemente os professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental à docência. Já para os professores dos anos finais e, principalmente, os de Ensino Médio apontaram o compromisso com a formação política dos educandos e o ingresso na docência devido a fatores objetivos como mercado de trabalho. Permanecer na profissão aparece como algo mais ligado a carga emocional do que a conformação com o estado atual. Foi mencionado, conjuntamente por esses docentes, o desejo de atuar em outros postos de trabalho ou nível de ensino, quando se referiam às suas perspectivas em relação à profissão.

Dessa maneira, chegamos ao fim de nosso estudo considerando que ao mesmo tempo em que buscamos concretizar os objetivos propostos, encontramos no decorrer da pesquisa outros pontos que merecem aprofundamento, não tendo sido possível explorar nos limites deste trabalho. Esses pontos foram: como e de que modo as representações construídas pelos professores orientam atualmente as suas práticas docentes? Estariam os docentes de todas etapas imersos num quadro geral de mal estar ou profissionais de uma determinada etapa estariam mais acometidos do que outros desse mal? De que maneira a perspectiva de provisoriedade na profissão reflete nas práticas desenvolvidas em sala?

Entendendo que a formação do professor não está concluída com a finalização do curso de graduação, deixamos em aberto as novas questões para futuras pesquisas reconhecendo aqui os limites de nosso trabalho que se instaura no panorama acadêmico atual como mais uma produção que vem somar ao conhecimento já construído sobre a temática profissão docente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2004.

ESTEVE, José. Manuel. **O mal estar docente**. Lisboa: Escher, 1992.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Brasília, Liber Livro Editora, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. "Sem dinheiro não há salvação": ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 191-225.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In JODELET, Denise. (Ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. p. 31-61.

_____. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações Sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. Vozes, 2001. p.17-44

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LÜDKE, Menga. BOING, Luiz Alberto. CAMINHOS DA PROFISSÃO E DA PROFISSIONALIDADE DOCENTES. **Educação & Sociedade** - vol. 25, n. 89. Campinas, set/dez. 2004. p. 1159-1180, Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616>> Acesso em: 15 jul. 2014.

MACHADO, Laêda Bezerra. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: alguns apontamentos sobre a teoria e sua incursão no campo educacional. In: MACHADO, Laêda Bezerra. (Org.) **Incursões e investigações em representações sociais e educação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (org.). **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Fátima O, de. WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Correa et al. **Psicologia Social Contemporânea**. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 104-117.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 19 nº. 55. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092004000200014> Acesso em: 24 jun. 2014

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Para você, o que é ser professor?
- Como você se vê na profissão?
- O que significa a profissão docente hoje?
- Que fatores influenciaram a sua inserção no magistério?
- Com quais desafios você se depara no exercício de sua profissão?
- O que determina a sua permanência na profissão de professor?